

Ensino inter-religioso: teoria e práticas

Dora Incontri e Alessandro Cesar Bigheto

Resumo: A prática pedagógica e a elaboração didática do ensino inter-religioso tem que se apoiar em alguns pressupostos teóricos, para ter coerência. Esse artigo percorre rapidamente a filosofia da educação proposta pelos clássicos Comenius, Pestalozzi e Rousseau e suas propostas no campo do ensino religioso, derivando daí a aplicabilidade de projetos didáticos interdisciplinares. Discute aspectos da postura necessária ao professor de ensino inter-religioso, como consequência das idéias adotadas como base do trabalho. Em seguida, faz a narrativa resumida de alguns passos de projetos já aplicados pelos autores em mais de dez anos de experimentação em sala de aula, tanto em escolas públicas quanto particulares em São Paulo, Bragança Paulista e Jundiaí (SP). E afinal, discute brevemente a questão da avaliação de um projeto que envolva a temática religiosa.

Introdução teórica

A proposta de ensino religioso – e já adotamos de início o termo inter-religioso – tem de assumir pressupostos claros, para que sua elaboração didática seja eficaz e atinja as finalidades almejadas. Tanto em nossa prática pedagógica, a ser aqui descrita, como nos livros didáticos que escrevemos (Todos os Jeitos de Crer) se embutem esses pressupostos, tomados dos clássicos da educação – sobretudo Comenius, Rousseau e Pestalozzi – figuras esquecidas e negligenciadas nas pesquisas atuais.

Uma determinada postura didática, para ser coerente, decorre obviamente de uma dada visão filosófico-pedagógica, que se inicia na própria concepção do ser humano e das finalidades últimas da educação. Por isso, não há como prescrever e padronizar técnicas, como receitas prontas, pois antes de qualquer aplicação possível – e toda aplicação didática tem de se adaptar ao contexto e à realidade dos alunos, dos docentes, da escola...– devemos examinar as motivações profundas de uma ação pedagógica. Uma dada experiência, baseada em tais motivações, pode portanto servir de inspiração, motivar outras propostas, levantar debates e não restritamente propor técnicas fechadas.

Neste sentido, nossa abordagem da questão religiosa na educação procura evitar dois caminhos comuns: o ensino confessional tradicional – que é a catequese, a doutrinação num determinado credo – e o que poderíamos denominar de

antropologismo diante da religião, que é uma visão distanciada, pretensamente neutra, mas que indica ceticismo em relação ao conteúdo do fenômeno religioso. É o que transparece na seguinte afirmação num caderno de orientação para o ensino religioso no Estado de São Paulo:

“...apesar de sua extrema variedade, os fenômenos religiosos aparecem em diferentes sociedades e contextos como um tipo característico de esforço criador que procura colocar ao alcance da ação e compreensão humanas tudo o que é incontrolável e sem sentido, procurando conferir um valor e significado para a existência das coisas e dos seres.” (SILVA & KARNAL, vol.1, 2002: 13)

A cataquese é função dos núcleos religiosos e da família. O Antropologia é uma proposta acadêmica, uma vertente da pesquisa científica.^{1[1]} A escola é um lugar plural, em que pessoas de diferentes credos devem conviver, tendo cada um a sua fé respeitada e, se possível, cultivada, aprendendo ao mesmo tempo a respeitar a fé do outro.

Convivência pacífica, respeito, tolerância, fraternidade são valores; pertencem portanto ao campo do comportamento ético – sem o qual é impossível qualquer relação social e com que qualquer proposta pedagógica deve se preocupar. E nesse ponto, recorreremos aos autores que nos servem de inspiração, que focam a finalidade máxima da educação, na realização moral do ser e a conectam ao cultivo de uma espiritualidade universalista.

Comenius é considerado um dos precursores de organizações como a ONU ou a UNESCO, e já propunha há três séculos, uma educação internacional para a paz; já se pronunciava a favor do ecumenismo, sob a égide da tolerância; já antecipava a Declaração dos Direitos Universais, quando pregava a idéia de uma educação integral, para toda a humanidade^{2[2]}. Pestalozzi, por sua vez, praticava uma Educação moral baseada no amor e no diálogo, sem meios coercitivos e fazia conviver em seu Instituto de Yverdon crianças de países e religiões diferentes. Rousseau, cujos escritos sempre reivindicaram tolerância entre os povos e liberdade de pensamento, dizia que “todas as

^{1[1]} Parece-nos tão autoritária a perspectiva de se impor aos alunos uma visão cética das religiões quanto querer obrigá-los a seguir esta ou aquela doutrina. O melhor é discutir todas as abordagens (religiosas e materialistas) para que o aluno possa chegar a uma convicção própria. Em *Todos os Jeitos de Crer* dedicamos capítulos também ao materialismo e ao nihilismo. Trata-se de um pensamento minoritário, que tem seu direito de expressão, mas cuja hegemonia imposta, sobretudo na universidade, devemos criticar.

^{2[2]} Ver COMENIO, João Amós. *Didáctica magna*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, Introdução.

religiões são boas e agradáveis a Deus...” (ROUSSEAU, vol.4, 1967:608), procurando preceitos universais que estivessem na raiz de todas elas.

Entretanto, esses projetos de emancipação humana e essas idéias filosóficas e pedagógicas tinham por base o conceito fundamental de que os grandes valores morais – esses cuja universalidade até os contemporâneos não podem deixar de desejar, apesar do relativismo vigente – não são extrínsecos ao homem, mas imanentes em sua natureza. Como diria Rousseau: “se a bondade moral é conforme a nossa natureza, o homem não será são de espírito, nem bem constituído, se não for bom.” (ROUSSEAU, vol.4, 1967:595) Lauand sintetiza da seguinte forma (e este também era o pensamento de Platão e Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino): “Transgredir a lei moral é – para todo homem – atentar contra si mesmo; segui-la – para todo homem – realizar-se.” (LAUAND, 1988:24)

Ora, segundo todos esses autores, sem exceção, o fundamento último de tal moralidade intrínseca ao ser humano está na Divindade. Desde Sócrates e Platão, entendia-se que só o absoluto pode ser a fonte de valores universais. Desse modo, sem necessidade de referência explícita a uma ou outra religião particular (pois Sócrates e Platão eram pagãos; Agostinho e Tomás, pais da Igreja; Comenius, hussita reformado; Pestalozzi, de origem protestante e livre-pensador, Rousseau, um dos fundadores do conceito de religião natural), Deus aparece como necessidade para fundamentar a moralidade humana. “Se a Divindade não existe, só o malvado tem razão; o bom é apenas um insensato” – exprimia Rousseau (1967:608).

Não só os clássicos perceberam isso, mas o “vazio ético” a que se refere Jacqueline Russ, que identifica nosso contexto contemporâneo como um “momento em que as referências tradicionais desapareceram, em que não sabemos mais exatamente quais podem ser os fundamentos possíveis de uma teoria ética.” (RUSS, 1999:10), provém justamente da “morte de Deus”, proclamada por Nietzsche. Anuncia Reale, com toda a precisão:

“A ‘morte de Deus’, portanto, significa o desaparecimento da dimensão da transcendência, a anulação total dos valores ligados a ela, a perda de todos os ideais.” (REALE, 1999:24)

Ora, isso tudo nos indica que pode haver um relação intrínseca entre religião e moralidade, entendendo-se que a religião pode ser fundamento e fonte segura de princípios éticos e, ao mesmo tempo, a ética deve se sobrepor aos dogmas particulares,

pois só a tolerância e a fraternidade, a liberdade e o respeito podem garantir a própria diversidade das práticas religiosas.

Fica claro desse modo que assumimos a premissa de que o ensino inter-religioso deve privilegiar a questão ética, unificadora e universalista, presente em todas as religiões e resgatar a espiritualidade, como dimensão legítima da experiência humana e necessária à completa realização do ser.^{3[3]}

Isso tudo, portanto, nos põe no rumo dos objetivos de um ensino inter-religioso nesta perspectiva (nem confessional nem antropologizante): 1) cultivar a espiritualidade do aluno como uma dimensão real e positiva, imanente no ser humano; 2) assumir a religião como um fenômeno de conteúdo verdadeiro, embora as diversas facetas com que se apresenta; 3) priorizar o aspecto ético das religiões, buscando o diálogo entre as diversas correntes; 4) sensibilizar o aluno para a vivência de valores morais e para a experiência religiosa; 5) abrir novos horizontes culturais e espirituais para o aluno, no conhecimento de outras formas religiosas...

Posturas pedagógicas do professor de ensino religioso

Antes de qualquer possível modelo prático para tal proposta, é preciso considerar a postura do educador que se dedica a essa área. Trata-se de uma postura existencial, uma diretriz ética, anterior a técnicas didáticas.

A primeira condição é a empatia. Seja qual for a convicção religiosa do educador, não deve ter uma religiosidade fanática, excludente, mas aberta ao outro.

A segunda é o espírito crítico. As religiões estão sujeitas às críticas, porque, embora possam ter algo de sagrado e divino nelas, se manifestam no mundo em instituições humanas e, como tais, estão sujeitas ao erro, ao abuso, aos desvios do fanatismo, da violência e do abuso do poder. O educador, porém, não pode ter essa visão apenas em relação à religião alheia, mas também à sua própria.

Gandhi sintetiza perfeitamente essas duas posturas, aparentemente paradoxais:

^{3[3]} Os princípios éticos comuns – e mesmo determinados pontos de diálogo e semelhança entre uma religião e outra – não podem ser fatores de homogeneização das crenças, sob pena de perdermos a identidade religiosa de cada grupo ou individualidade. É interessante, por exemplo, mostrar aos alunos, o que há de comum nas tradições judaica, cristã e muçulmana, mas é indispensável apontar as diferenças – fazendo-se sentir que são riquezas espirituais e culturais e que conhecê-las e apreciá-las em nada diminui a fé de cada um.

“Após estudos e muitas experiências, cheguei à conclusão que 1) todas as religiões são verdadeiras; 2) todas as religiões contêm em si alguma margem de erro; 3) todas as religiões são para mim quase tão queridas quanto o meu próprio hinduísmo, principalmente na medida em que todos os seres humanos deveriam ser para mim tão queridos quanto meus próprios parentes. Minha veneração pessoal por outros credos é a mesma que dedico à minha própria fé.” (GANDHI, 1996)

A terceira condição é o respeito à liberdade de pensamento e crença dos alunos. Esse respeito tem que ser profundo e sincero, embebido mesmo de admiração pela fé autêntica do outro.

Parâmetros didáticos

Dentro da trilha aberta por Comenius, Rousseau e Pestalozzi, há indicações didáticas, que estão na pauta do dia, porque construtivismos contemporâneos nada mais são que a herança desses grandes autores, embora hoje as propostas estejam majoritariamente esvaziadas de seu aspecto espiritual.^{4[4]}

A primeira diretriz didática é a interdisciplinaridade – nada mais interdisciplinar do que a temática religiosa, que toca a História, a Ética, a Filosofia, as Artes, discute com a Ciência, tem a ver com o ser humano por inteiro, é uma porta para a diversidade cultural e para o melhor entendimento de si mesmo e do mundo.

A segunda é vivência prática do conteúdo – o conhecimento só faz sentido se é traduzido em alguma produção ou experimentado na ação concreta. Um projeto interdisciplinar, no ensino inter-religioso, deve envolver produção ou vivência, que indique o significado que o aluno dá subjetivamente ao assunto tratado: uma poesia,

^{4[4]} Aos que estudam a História da Educação pode parecer demasiado generalizante e temerário afirmar tal afinidade entre Comenius, Rousseau e Pestalozzi, que se possa falar deles em bloco, como representantes de uma tendência única. Mas ao estudá-los mais de perto, podemos observar que eles de fato fazem parte de uma mesma corrente pedagógica, cujos traços principais, podemos assim delinear: são educadores cristãos, mas de um cristianismo não ortodoxo, combatendo a idéia do pecado original e, por isso, demonstrando grande confiança nas heranças divinas da criatura, manifestadas na infância; têm a compreensão do próprio cristianismo muito mais como um projeto de educação da humanidade do que uma história de salvação; adotam a idéia de desenvolvimento gradual e autônomo da criança, a proposta de construção livre do conhecimento e da virtude, a educação ativa, como forma de realização das potencialidades do ser e a busca interdisciplinar do conhecimento. Comenius chamou-a de *pansofia*, a sabedoria do todo, simbolizada por ele numa árvore, cuja organicidade representa a conexão de toda realidade.

uma peça de teatro, um culto ecumênico, uma campanha solidária na escola ou no bairro, uma exposição de arte etc...

A terceira é a avaliação contínua e autônoma do aluno. Como transformar um conteúdo tão pessoal e impalpável, como a religiosidade, em respostas prontas e mecanizadas numa prova tradicional? O ensino inter-religioso deve proporcionar uma auto-descoberta, uma sensibilização interna, um engajamento existencial – e nada disso pode ser avaliado objetivamente, do ponto de vista exterior. Por isso, é preciso estimular uma auto-análise do aluno, sem cobranças e imposições, como um processo espontâneo de reflexão pessoal.

Relatos experimentais

Desde o início da década de 90, realizamos projetos sempre interdisciplinares, em escolas particulares e públicas, em que a temática religiosa aparece freqüentemente como início, meio ou fim de um projeto. Primeiro no Colégio Nova Era em São Paulo, depois na Escola Jorge Tibiriçá em Bragança Paulista^{5[5]} e no Colégio Jean Piaget de Jundiaí. A partir de tais vivências em sala de aula, elaboramos o material didático Todos os Jeitos de Crer (Editora Ática), em 4 volumes de 200 páginas cada um, direcionados a alunos de 5ª a 8ª série.

A metodologia empregada em sala de aula pode ser resumida em três passos, não necessariamente nessa ordem:

1) a exposição dialogada – em que a partir de uma conversa informal com os alunos, em que eles vão dizendo o que sabem sobre determinado tema, vamos introduzindo informações, contando uma história, debatendo um tema, de que todos participam;

2) o estímulo interdisciplinar – em que cercamos o tema tratado de todos os estímulos possíveis, usando várias linguagens e entrando por diversas disciplinas

^{5[5]} O projeto na Jorge Tibiriçá foi minha pesquisa de pós-doutorado, financiada pela Fapesp com o tema: *Ética, Filosofia, Religião e Artes – entre o plural e o universal – Um projeto interdisciplinar em escola pública*, terminou em 2004 e parte de seu resultado foi publicado no artigo INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. O ensino inter-religioso, como fazer? (In: *Revista Mirandum*, Porto/São Paulo, Universidade do Porto/USP, V. 15, 2003, www.hottopos.com/mirand15/dora.htm) e no site www.comenius.com.br/eticanaescola. (Nota Dora Incontri)

(poesias, textos de jornal, filmes, músicas, artes plásticas, dados históricos, geográficos, pesquisas em internet etc.);

3) a ação e a produção – em que os alunos fazem ou vivenciam algo de concreto em torno do assunto do projeto (uma peça de teatro, uma exposição de artes, um sarau de poesias, um culto ecumênico, um debate para a escola, uma campanha, um livro, uma visita a uma instituição social, a elaboração de um documento etc...).

Pode-se começar por qualquer um desses passos e intercambiá-los à vontade. O importante é achar um gancho apropriado para dar início a um projeto (no caso do livro didático, trata-se de um capítulo), que deve ter um começo e um fim demarcados, para fechar o ciclo de um sentido, de uma produção, de uma vivência. Mas nunca se pode (e nem se deve) prever exatamente onde vai dar o projeto, porque é preciso deixar espaço para o interesse dos alunos, para as suas construções e participações.

Enumeramos a seguir alguns estímulos iniciais para um projeto interdisciplinar com temática inter-religiosa:

1) O interesse e as curiosidades dos alunos nos temas religiosos. O que querem saber? O que gostariam de perguntar a pessoas de diferentes religiões? Certa vez, numa 5ª série, demos um ano inteiro de aula, a partir de uma lista de temas e perguntas levantados pelos alunos no primeiro dia. De cada tema, pode nascer um projeto de pesquisa, de discussão e produção.

2) A história de uma vida ou de várias vidas – podem ser escolhidas algumas vidas representativas de várias religiões.^{6[6]} A história verídica de vidas emocionantes, elevadas e nobres, atrai os alunos e são marcantes para impregná-los de valores morais e de crença na possibilidade humana de sermos bons. Num projeto inter-religioso em 3ªs e 4ªs séries, trabalhamos com Francisco de Assis, Gandhi, Martin Luther King e Bezerra de Menezes. Cada um dos personagens deu margem a um trabalho interdisciplinar e a uma produção ou vivência. Francisco nos permitiu enveredar pela História na Idade Média, pelos temas da pobreza, da ecologia, dos valores morais da compaixão e da bondade; Gandhi nos levou à Índia, à história do colonialismo, aos métodos da não-violência, ao conhecimento do hinduísmo; Luther King trouxe a questão da cultura negra nas Américas, do racismo, da luta pelos direitos humanos, da música dos negros americanos protestantes, o spiritual; Bezerra de Menezes nos introduziu no espiritismo

^{6[6]} Aproveitamos essa abordagem em nosso primeiro volume de *Todos os Jeitos de Crer*, em que tratamos de *Vidas* de diversas personalidades de diferentes épocas e religiões.

de Kardec, nos fez passear pelo tempo do Império no Brasil e observar a contribuição de um médico, político, militante pelo bem-estar do povo, abolicionista e liberal...

3) A proposição de problemas, para serem resolvidos pela discussão e pela pesquisa. Os problemas podem surgir espontaneamente a partir de um fato do cotidiano escolar ou de uma notícia importante ou podem ser propostos pelo professor ou ainda por um aluno. Quando os Estados Unidos invadiram o Iraque, por exemplo, estávamos na Escola Jorge Tibiriçá e promovemos um projeto de seis meses para discutir a paz (em si, em casa, na escola, na cidade, no Brasil, no mundo). Numa das mais significativas experiências do gênero, numa sala de 6ª série no Colégio Nova Era, em São Paulo, propusemos uma discussão sobre a existência de Deus. A primeira surpresa se deu quando propusemos a criação de um grupo que argumentasse a favor e outro contra a existência de Deus e um aluno protestou: “E o grupo do talvez?” A partir daí, constituíram-se três grupos, que depois de pesquisarem e debaterem internamente, participaram de um debate em classe. O resultado foi tão excitante para os alunos, que quiseram levar o debate para o resto da escola, numa apresentação dos argumentos de cada grupo.

Como avaliar resultados

É fácil perceber que o resultado de um trabalho desse gênero não pode ser avaliado quantitativamente, pois trata-se de um despertar de consciência, uma sensibilização, um convite a um engajamento existencial, que poderá se dar apenas anos mais tarde, quando as sementes guardadas poderão germinar ao influxo da experiência de vida ou da maturação da alma. É tudo muito imponderável e é bom que assim seja, pois não desejamos fazer do aluno um papagaio repetidor de conceitos e idéias bonitas, mas que não tenham significado para ele.

A avaliação que fazemos do trabalho realizado nesses moldes é de duas ordens: uma subjetiva – que é a de verificar o entusiasmo, o engajamento e o interesse despertado entre os alunos pelos projetos propostos, pelos temas tratados, pelas produções realizadas; outra objetiva – que é da produção feita pelos alunos, que se revela plena de beleza estética e significado existencial. Quando há brilho no olhar dos alunos e produção de bom nível, que mostre que o tema tratado fez sentido – está tudo feito. Não é preciso mais nada.

Bibliografia

- COMENIUS, Johann Amos. Pampaedia. Heidelberg, Quelle & Meyer, 1965. (Texto em latim e alemão).
- GANDHI. Gandhi e o Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1996.
- INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. Ensino confessional, laico ou inter-religioso? Qual a melhor resposta? .Revista de Educação CEAP, Salvador, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, V. 45, junho/2004.
- INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. Ensino religioso sem Proselitismo. É possível? Videtur, Salamanca/São Paulo, Arvo/USP, V. 13, 2002. Disponível em www.hottopos.com/videtur13/dora.htm
- INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. O ensino inter-religioso, como fazer? Revista Mirandum, Porto/São Paulo, Universidade do Porto/USP, V. 15, 2003, Disponível em www.hottopos.com/mirand15/dora.htm
- INCONTRI, Dora. A crise do saber e os clássicos da educação. Revista Internacional d'Humanitats, Barcelona/ São Paulo, USP/ Univ. Autònoma de Barcelona, V.6, 2003. Disponível em <http://www.hottopos.com/rih6/index.htm>
- LAUAND, Luiz Jean. Filosofia, Educação e Arte. São Paulo, Edições IAMC, 1988.
- PESTALOZZI, Johann Heinrich. Sämtliche Werke und Briefe. Kritische Ausgabe. Zúrique, Orell Füssli, 1927-1980. Vol. 25, Hauptgrundsätze der Methode.
- REALE, Giovanni. O saber dos antigos. Terapia para os tempos atuais. São Paulo: Loyola, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Œuvres complètes . 4 vol. Paris: Éditions Gallimard, 1967.
- RUSS, Jacqueline. Pensamento ético contemporâneo. São Paulo: Paulus, 1999.
-